

## POLÍBIO POR PAPARRIGÓPOULOS

Breno Battistin Sebastiani\*

**RESUMO:** K. Paparrigópoulos compreende Políbio como legítimo predecessor que fundamentaria discussões caras à historiografia grega de meados do século XIX, envolvendo nomeadamente as questões de língua e pátria gregas. O presente trabalho procura analisar tal apropriação e situá-lo no debate historiográfico do período mencionado.

**Palavras-chave:** K. Paparrigópoulos, Políbio, Historiografia grega antiga e moderna, Recepção de textos.

Próximo do encerramento do terceiro capítulo do sétimo livro de sua monumental *História da nação grega* (1860-75), capítulo sobre a situação da Macedônia e da Grécia imediatamente após a conquista romana, K. Paparrigópoulos dedica uma página à apreciação da fonte da qual depende majoritariamente o seu relato. Depois de descrever a situação de Políbio enquanto estadista e refém em Roma, o historiador descreve sua obra e tece a seguinte apreciação:

Ainda que bastante mutilada, a obra de Políbio é vista até hoje como um dos mais belos produtos da técnica histórica. Não possui, é certo, a graciosidade de Heródoto, nem a verve dramática de Tucídides, nem a pureza ática lexical de Xenofonte, mas possui uma virtude pela qual se mostra muito superior aos seus predecessores e mais se aproxima dos melhores dentre os historiadores atuais, isto é,

com relação à exposição precisa e clara dos fatos, demonstra para cada um suas causas e consequências. Por isso denominou com justiça sua história de 'apodítica e pragmática', e fez dela a mais educativa para políticos de todas as nações e todas as épocas.

Subjaz à apreciação de K. Paparrigópoulos o pressuposto de que a possibilidade de identificação de uma singularidade metodológica não diretamente relacionada ou dependente de apreciações estilísticas, porém a elas fundida sob a alcunha "técnica histórica" alça a fonte a êmulo ou anunciador dos historiadores atuais, atribuindo-lhe perenidade. Por outras palavras, trata-se de leitura que busca lastrear seus próprios juízos sobre questões contemporâneas, nomeadamente língua e pátria gregas, tentando projetar no historiador do passado preocupações semelhantes. O objetivo deste texto é discutir as implicações de tal pressuposto no debate historiográfico grego de meados do século XIX.

Em 1841 M. Reniérís publica um ensaio de filosofia da história em cujo prólogo<sup>2</sup> escreve:

A filosofia da história era desconhecida na antiguidade. Os historiadores gregos não tratavam a história senão em termos de acaso ou destino. Daí que entre eles a pesquisa da história não visava senão a uma formação ética ou ao exercício para a prática política. Roma não conheceu a filosofia da história, mas a gerou, ao instituir a unidade perceptível da história por via da conquista de todo o mundo antigo. Daí que Políbio, pesquisando os acasos relacionados a Roma, foi o primeiro e único entre os antigos a perceber as lacunas da história tal qual se escrevia até então, e teve um vago pressentimento da ciência histórica.

De modo análogo a K. Paparrigópoulos, a apreciação de M. Reniérís sobre Políbio também procura identificar um êmulo

<sup>1</sup> ΠΑΠΑΡΡΗΓΟΠΟΥΛΟΣ, 1886, p. 365.

<sup>2</sup> ΡΕΝΙΕΡΗΣ, 1841, p. ε'. Destaques no original.

dos historiadores modernos, porém acentuando o destaque para sua característica de seu anunciador. Por outro lado, há uma diferença fundamental entre as duas apreciações: enquanto o historiador procura e valoriza em Políbio exatamente o caráter didático de sua obra como algo perene, o que viabilizaria sua comparação com os modernos, o filósofo situa este mesmo caráter como algo dependente de uma historiografia passada, e valoriza a proximidade conceitual entre sua concepção de filosofia da História e seu eventual sentimento por Políbio, este sim o elemento que o aproximaria dos historiadores modernos.

Independentemente de quaisquer finalidades de ambos os textos, o que merece destaque é o fato de ambos sinalizarem a possibilidade de se equiparar um historiador antigo a seus congêneres modernos, lendo-o não apenas como fonte do e sobre o passado, mas como pioneiro em uma senda cujo fim se desvela e se realiza apenas depois da independência grega de 1821, a partir da construção de um conceito de *unidade diacrônica* entre o passado e o presente, subsumido nos conceitos de nação e língua gregas (cf. GOURGOURIS, 1996 e LIAKOS, 2001).<sup>3</sup>

Estribado em tal perspectiva histórica de matiz romântico, desenvolvida pelo historiador contemporâneo S. Zampélios, K. Paparrigópoulos divide sua monumental história grega em cinco períodos: 1) das origens até a queda de Corinto (146 a.C.), a “parte mais famosa da história da nação grega” (ΠΑΠΑΡΡΗΓΟΠΟΥΛΟΣ, 1999: p. 34); 2) o intervalo compreendido pelo domínio romano (146 a.C. - 476); 3) o império bizantino (476-1453), “novo período de liberdade da nação

---

<sup>3</sup> Na primeira versão da *História da nação grega*, publicada em 1853 em forma de breviário e dirigida à educação de jovens, K. Paparrigópoulos escreve, à guisa de introdução: “diz-se história da nação grega a narrativa de tudo que ocorreu à nação grega desde os tempos mais antigos até hoje, e que merece ser conservado na memória da humanidade. Denomina-se nação grega todos os homens que falam a língua grega como sua língua nativa”

grega”; 4) o intervalo compreendido pelo domínio otomano (1453-1821) e 5) o período de “retomada da liberdade” da independência (1821) até os dias do historiador.

Cooperando com esse conceito de unidade está o a ele subjacente e indissociável conceito de *continuidade*, envolvendo geografia, língua e história gregas, apesar de todas as vicissitudes passadas pela “nação” grega durante quase três milênios e que poderiam levar a pensar o contrário, e é por essa via que o historiador antigo é lido: na obra de K. Paparrigópoulos sua função de fonte histórica ocupa papel secundário em relação à posição que lhe é atribuída e destacada enquanto testemunha ocular privilegiada (ΠΑΠΑΡΡΗΓΟΠΟΥΛΟΣ, 1970: 113) do período de consolidação do domínio romano sobre a Grécia ou, por outras palavras, por seu *status* de historiador em uma longa cadeia que começaria pouco antes de Heródoto e atingiria sua grande síntese, seguindo ininterrupta, na obra do próprio K. Paparrigópoulos. As informações factuais transmitidas pela fonte só teriam sentido a partir do momento em que a própria fonte é integrada na cadeia maior de significado que dá sentido às informações transmitidas. Essas não teriam importância em si, a não ser como retrato a afirmar e lastrear a ideia de uma nação una e contínua no tempo e no espaço.

Para a geração de historiadores românticos de 1850, que tem como corifeus S. Zampélios, K. Paparrigópoulos e M. Reniéris, é o presente pós-1821 que confere sentido e inteligibilidade ao passado (KOUBOURLIS, 2005: 155-63). É por essa razão que G. Veloudis afirma que “o método epistemológico de Paparrigópoulos é simples: ele submete as fontes que dizem respeito a seu tema a exame sistemático, forçando-as a revelar seu real conteúdo” (ΒΕΛΟΥΔΗΣ, 1982: 64). Se, por um lado, o exame sistemático das fontes é algo intrínseco ao trabalho de qualquer historiador, por outro a busca por conteúdos subordinados a temáticas investigadas explicita preocupação voltada para conferir sentido a prévia seleção/ordenação de fontes e, conseqüentemente, configu-

ra-se como elemento identificador das intenções do historiador em questão.

A fim de desautorizar a tese de J. P. Fallmerayer, para quem “a raça helênica foi exterminada da Europa” por via de sucessivas levas de migração para o território da antiga Grécia a partir das invasões eslavas dos séculos VII-VIII (FALLMERAYER, 1830: 3), o romantismo grego<sup>4</sup> anseia pela definição de “helenismo” (ΣΙΓΑΛΛΑΣ, 2001: 20) e seus elementos, nomeadamente língua, religião e pátria gregas. No caso de K. Paparrigópoulos, é também com respeito a Políbio que dois desses elementos – língua e pátria – se tornam manifestos. Com relação ao primeiro, já do passo citado depreende-se que, por via da comparação estilística com outros historiadores – que sinaliza implicitamente a necessidade de um estilo apropriado à historiografia como um todo – a questão da língua grega é pensada por via do conceito de continuidade. Com relação à ideia de pátria, a ela K. Paparrigópoulos associa Políbio na compilação que publicou em francês de sua obra maior:

No oriente “o helenismo não cessou de levar uma vida ativa, associando aos princípios de seu passado mais brilhante os de suas novas transformações. Que contraste com o estado miserável a que foi reduzido na Europa! No oriente apareceram então, em todas as áreas do conhecimento humano, homens notáveis, muitos dos quais – Luciano, Longino, Epicteto, Galeno, Estrabão, Euclides e Dionísio de Halicarnasso – são arrolados entre os representantes mais sérios do gênio helênico. Na Grécia propriamente dita dois nomes apenas, nomes célebres, é verdade, Políbio e Plutarco, se manifestam nesse mesmo espaço de tempo” (PAPARRIGOPOULO, 1878: 113).

Descrito como representante pátrio do “helenismo” e, por extensão, como pertencente àquela cadeia que une ambos os

---

<sup>4</sup> “Romantismo grego” porque não há perfeita correlação entre o romantismo europeu ocidental e o desenvolvido na Grécia, conforme demonstrado por ΔΙΑΜΑΝΤΗΣ, 2003.

historiadores por uma reclamada unidade-continuidade historiográfica e linguística, Políbio é apresentado como avatar antigo de uma “genialidade helênica” que se perpetua e atinge seu cume exatamente na obra de K. Paparrigópoulos, especificamente nessa de 1878, síntese da obra maior publicada em uma língua ocidental, isto é, visando público mais abrangente e possivelmente simpatizante do “helenismo”. Por outras palavras, novamente o historiador antigo é empregado a fim de veicular questões e interpretações modernas em função das quais sua obra é resgatada, sem que necessariamente seja utilizada como fonte de informações, ou seja, o valor a ela atribuído deriva do presente do historiador que a lê.

Em ambos os passos evidencia-se a construção do conceito de predecessor: esse seria não apenas qualquer historiador que houvesse escrito em momento anterior, mas especificamente o historiador que, em tempo passado, legou algo cuja concretização interessa diretamente ao debate cultural e político do presente. Assim como no passo de M. Reniérís Políbio é indicado como o primeiro a ter vislumbrado a filosofia da história, implicando, portanto, importância à sua obra em função do presente do filósofo, do mesmo modo nos passos de K. Paparrigópoulos as apreciações sobre o historiador apontam para um predecessor com características bem definidas e relevantes para o presente daquele: assim como Tucídides e Xenofonte, Políbio pertence à “pátria grega antiga”; diferentemente, porém, destaca-se pelo caráter apodítico e pragmático de sua obra, que a torna perene, ou seja, constitui-se em predecessor de historiadores que constroem um conceito de “helenismo” que necessita de difusão e aceitação. Assim, portanto, o legado polibiano é encarado como avatar do presente no passado, como manifestação do “gênio helênico” presente em uma época recuada.

Uma vez configurado como predecessor nesse molde, Políbio passa a ser objeto de diálogo direto, sem necessidade de intermediações ou contextualizações, ou seja, o historiador moderno passa a se utilizar de sua obra não necessaria-

mente como vestígio do passado, mas como se fora um contemporâneo com quem dialoga e cuja opinião endossa, porque válida para o contexto em que escreve, assim abreviando a distância cronológica de dois mil anos. É exatamente o que K. Paparrigópoulos já havia feito muito antes de publicar sua obra maior: em 1850, três anos antes da publicação da edição didática da *Ιστορία του Ελληνικού Έθνους*, K. Paparrigópoulos publicara o artigo<sup>5</sup> “*Η Ελληνική γνώμη περί του συοτήματος του Φάλλμεράνερ*”, em que, depois de expor sua visão sobre a história grega e sobre o próprio trabalho que empreendia, conclui refletindo:

deixando de lado o presente estudo introdutório, concordo que muitas vezes, olhando para tais dificuldades, para a grandeza do trabalho, para minhas fracas forças, para meus outros encargos, muitas vezes receei o desafio e hesitei, e ainda neste momento em que vos falo hesito se conseguirei chegar a seu termo. Mas consolo-me recordando as palavras de Políbio: “pois estou convencido... não ficará inconcluso o projeto, nem faltarão homens dignos dele: devido à sua beleza, muitos se encarregarão e se esforçarão para levá-lo a cabo”<sup>6</sup>

A citação de Políbio não é feita para ilustrar ou descrever, mas tão somente para substituir a reflexão do próprio historiador que escreve, ou seja, a apropriação não leva em conta diferentes contextos e finalidades, tão somente a abstração que transplanta sem mediação um raciocínio propositalmente abreviado. Com efeito, o texto de Políbio, na versão integral do passo, contém informações que não parecem ter sido fortuitamente amputadas:

---

<sup>5</sup> O texto do artigo é citado na íntegra na biografia do historiador escrita por ΔΗΜΑΡΑΣ, 1986, p. 143-74.

<sup>6</sup> ΔΗΜΑΡΑΣ, 1986, p. 174. A citação de Políbio, abreviada pelo próprio K. Paparrigópoulos, encontra-se em III, 5, 8.

Esse é o projeto de minha obra. É preciso ainda que o acaso concorra para que em vida possa levá-la a termo. Pois estou convencido, ainda que me ocorra algo inerente aos homens, de que não ficará inconcluso o projeto, nem faltarão homens dignos dele: devido à sua beleza, muitos se encarregarão e se esforçarão para levá-lo a cabo. (Pol., III, 5, 7-8)

Dois elementos – o acaso e a condição humana – condicionantes do raciocínio de Políbio, em forma de prudente ressalva, são amputados pelo historiador cuja confiança na execução de seu próprio projeto se enraíza em algo como fé cega inerente ao assunto que vem construindo.<sup>7</sup> A construção da ideia do predecessor passa, portanto, pela seleção das informações convenientes ao projeto presente, sem alterações explícitas, porém retoricamente aproveitadas.

Se, por um lado, a determinação de um predecessor por via de recortes precisos constitui construção idiossincrática a retratar a técnica hermenêutica do historiador que o faz, por outro, o mesmo procedimento pode ser encontrado já no historiador que é configurado como predecessor: o próprio Políbio já havia tentado transformar Homero, por via de recortes precisos, em predecessor que autorizasse sua própria narrativa.<sup>8</sup>

O argumento se inicia com o apontamento da causa das falhas de Timeu: o fato de haver-se fiado na tradição (ouvida/lida) e não nos próprios olhos ou, por outras palavras, na pesquisa bibliográfica que é mais agradável e demanda menos esforço e gastos, e por isso também menos frutífera, e

<sup>7</sup> Ao fim da vida o historiador já não demonstrava a mesma confiança no próprio projeto: ΔΗΜΑΡΑΣ, 1994, p. 467.

<sup>8</sup> Dos historiadores com quem dialoga, notadamente Filino, Fábio Pictor, Timeu, restaram apenas a crítica polibiana, fragmentos em sua maioria dela derivados, e testemunhos antigos que não necessariamente os relacionavam a Políbio. Assim, o único autor a quem Políbio se refere e utiliza, no que restou de sua obra, como legítimo inspirador ou predecessor, é Homero, por via de uma leitura que identificava na poesia homérica uma fonte verídica. Cf. SEBASTIANI, B. B. O Odisseu de Políbio: leituras da Odisséia na Roma cipiãoica. Caliope (UFRJ), v. 17, p. 24-37, 2008.



não na experiência político-militar e na observação *in loco*, mais difíceis porém mais proveitosas. O paradigma da atitude positiva encontrar-se-ia em Homero:

com ênfase ainda maior do que a deles [i.é, Éforo e Teopompo] o poeta tratou desta questão: desejando mostrar-nos como deve ser o homem pragmático, apresenta a personagem de Odisseu e diz mais ou menos assim:  
narra-me o homem, Musa, astucioso, que muito vagou,  
e em seguida  
de muitos homens viu as praças e conheceu o juízo,  
e no mar muitas dores sofreu no peito, (Od., I, 1-3)  
e ainda  
percorrendo as dolorosas vagas e as guerras dos homens.  
(Od., VIII, 183; XIII, 91 e 264)  
Parece-me que a proeminência da história requer um homem assim (Pol., XII, 27. 10 - 28, 1)

J. Marincola (1997: 7-11) discute a imbricação entre as explorações e os sofrimentos de Odisseu, cuja transposição analógica para a historiografia avaliaria positivamente a obra do historiador que os reclama para si, por via do paradigma proposto, em detrimento daquele que é criticado pela ausência ou incapacidade de demonstrar competentemente um ou outro. Se, por um lado, tal imbricação é passível de ser constatada tanto na *Odisseia*, quanto na obra de Políbio, quanto, supostamente e por via indireta, na obra de Timeu, por outro é necessário enfatizar que a construção polibiana do paradigma em questão não constitui apenas exegese a partir de apropriações de informações pinçadas do poema, mas, sobretudo, configura a construção de uma visão própria de Odisseu coerente com os pressupostos que nortearam as outras duas apropriações: trata-se da determinação de um Odisseu cuja viagem e sofrimentos, idiossincraticamente caracterizados por via de recortes parciais de versos precisamente escolhidos, autorizaria assimilações à personagem odisseica de modo que ambos configurassem harmonicamente um mesmo ideal de historiador. Tanto no conteúdo das cita-

ções quanto, principalmente, nas flagrantes omissões facilmente constatáveis, evidenciam-se os critérios da leitura do historiador que configuram sua idiosincrasia.

O recorte polibiano mais evidente no passo é a omissão consciente da quase totalidade de *Od.*, I, 2 (“depois de abater a sagrada cidadela de Tróia”), e de *Od.*, I, 4 (“cuidando da vida e do retorno dos companheiros”), primeiro elemento que invalidaria a proposição do paradigma: na épica, Odisseu só vagou após a tomada de Troia, e com a específica finalidade de garantir a sobrevivência, algo que, se levado em consideração, desautoriza a interpretação polibiana, que vê na personagem um viajante cujo sofrimento é requisito para historiar competidamente. Com relação aos versos *Od.*, VIII, 183; XIII, 91 e 264, trata-se de pinçamento preciso de um verso recorrente que, se por um lado de fato dá a medida da multiplicidade das viagens e do sofrimento de Odisseu, por outro trata-se de verso que aparece em três contextos distintos enunciado de modo a sintetizar genericamente as aventuras do herói, sem explicitá-las em detalhe nem visando estabelecer-lhes as causas, finalidades, durações ou circunstâncias, de modo que a própria generalidade de seu conteúdo e a esporádica imprecisão de sua recorrência não condizem com os protocolos da narrativa polibiana e, conseqüentemente, também desautorizam a interpretação em questão.

Seguindo pela mesma via do precedente polibiano, M. Reniérís e K. Paparrigópoulos transformam o historiador antigo em predecessor autorizado de suas próprias obras, a partir de perspectiva conscientemente etnicista calcada na necessidade da definição de valores culturais e políticos a lastrear a jovem “nação grega” (ΣΙΓΑΛΛΑΣ, 2001: 5-6).

A leitura de um historiador predecessor, sempre filtrada pelas condições inerentes ao contexto do leitor, não constitui, entretanto, recepção passiva e retransmissão de conteúdos. Pelo contrário, a própria leitura, e sua posterior ordenação em uma obra que a abarque, constituem processos criativos

por meio dos quais o texto anterior é retrabalhado em função das exigências do presente do escritor, quando se trata de forjar uma história como a de K. Paparrigópoulos, para quem a fonte, no caso Políbio, é entendida como a serviço de uma ideia maior. Muito embora o precedente possa ser encontrado já no historiador lido, a tarefa de escrever para o presente a partir da interpretação do passado sinaliza a necessidade humana não apenas de não repetir caminhos trilhados, mas de percorrê-los a fim de, de modo atento, redirecioná-los a partir de seu suposto fim. Exatamente porque o precedente já se encontra no historiador lido: se há um divisor comum entre Políbio e K. Paparrigópoulos, este é precisamente o fato de ambos necessitarem da criação de um conceito de predecesor como legitimador de seus próprios anseios.

## BIBLIOGRAFIA

- ΒΕΛΟΥΔΗΣ, Γ. *Jakob Phillip Fallmerayer και η γένεση του Ελληνικού ιστορισμού*. Αθήνα: Μνήμων, 1982.
- ΔΗΜΑΡΑΣ, Κ. Θ. *Ελληνικός ρομαντισμός*. Αθήνα: Ερμής, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Κωνσταντίνος Παπαρρηγόπουλος. Η εποχή του. Η ζωή του. Το έργο του*. Αθήνα: ΜΙΕΤ, 1986.
- ΔΙΑΜΑΝΤΗΣ, Α. Ο χώρος ως εθνική ιδιαιτερότητα και η βυζαντινή πρωτοτυπία του Κ. Παπαρρηγόπουλου. In: *Τα ιστορικά*, n. 38, 2003, p. 113-32.
- FALLMERAYER, J. P. *Geschichte der Halbinsel Morea waerend des Mittelalters*. Stuttgart und Tubingen: Gottaschen, t. I, 1830.
- GOURGOURIS, S. *Dream nation. Enlightenment, colonization and the institution of Modern Greece*. Stanford: Stanford University Press, 1996.
- KOUBOURLIS, I. *La formation de l'histoire nationale grecque. L'apport de Spyridon Zambélios (1815-1881)*. Athènes: INR, 2005.
- LIAKOS, A. The construction of national time: the meaning of the Modern Greek historical imagination. In: REVEL, J. et alii. *Political uses of the past. The recent Mediterranean experience*. London: Routledge, 2001, p. 27-42.
- MARINCOLA, J. Odysseus and the historians. In: *Histos*, 1997, p. 1-36.

ΠΑΠΑΡΡΗΓΟΠΟΥΛΟΣ, Κ. *Ιστορία του Ελληνικού Έθνους*. Αθήνα: Α. Κωνσταντινίδου, τ. II, 1886.

\_\_\_\_\_. *Ιστορία του Ελληνικού Έθνους*. [Η πρώτη μορφή: 1853]. Αθήνα: Εσήνα, επιμ. Κ. Θ. Δημαράς, 1999.

\_\_\_\_\_. *Προλεγόμενα*. Αθήνα: Εσήνα, επιμ. Κ. Θ. Δημαράς, 1970.

PENIERHS, M. *Φιλοσοφία της ιστορίας. Δοκίμιου*. Αθήνα: Φιλολάου, 1841.

SEBASTIANI, B. B. O Odisseu de Políbio: leituras da Odisséia na Roma cirriônica. In: *Calíope* (UFRJ), v. 17, 2008, p. 24-37.

ΣΙΓΓΑΛΑΣ, Ν. "Ελληνισμός" και εξελληνισμός: ο σχηματισμός της νεοελληνικής έννοιας ελληνισμός. In: *Τα ιστορικά*, n. 34, 2001, p. 3-70.

**ABSTRACT:** K. Paparrigopoulos understands Polybius as a genuine predecessor who could base some discussions dear to the Greek historiography of the middle of the XIX century, concerning the questions namely of Greek tongue and fatherland. This text examines such appropriation and places it in the historiographical debate of that period.

**Keywords:** K. Paparrigopoulos, Polybius, Ancient and modern Greek historiography, Texts' reception.